Um

Mas, podem dizer-me, pedimos que nos falasse sobre as mulheres e a ficção — o que tem isso que ver com um quarto que seja seu? Tentarei explicar. Quando me pediram que falasse sobre as mulheres e a ficção, sentei-me na margem de um rio e comecei a questionar-me sobre o significado de tais palavras. Poderiam querer dizer simplesmente algumas observações sobre Fanny Burney; mais algumas relativas a Jane Austen; um tributo às Brontës e um esboço do presbitério de Haworth sob a neve; alguns gracejos, se possível, sobre a Mna. Mitford; uma alusão respeitosa a George Eliot; uma referência à senhora Gaskell, e o trabalho ficaria pronto. No entanto, após uma segunda análise, as palavras não pareceram tão simples. O título mulheres e ficção poderia significar, e talvez tivesse sido essa a vossa intenção, as mulheres e o que elas são, ou poderia também significar as mulheres e a

ficção que elas escrevem; ou poderia significar as mulheres e a ficção que sobre elas se escreve, ou poderia significar que, de qualquer maneira, os três pontos estão inextricavelmente ligados e é a partir desse prisma que desejam que os considere. Quando, porém, comecei a analisar o tema desta última forma, que me pareceu a mais interessante, logo me apercebi de que existia uma barreira fatal. Jamais seria capaz de chegar a uma conclusão. Jamais seria capaz de preencher o que sei ser — compreendo — o primeiro dever de uma conferencista: oferecer-vos, após uma hora de dissertação, uma pepita de pura verdade pronta a ser escrita nas páginas dos vossos cadernos e conservada sobre a lareira para sempre. Tudo o que tenho para vos oferecer resume-se a uma opinião sobre um ponto de vista secundário — uma mulher tem de dispor de dinheiro e de um quarto que seja seu, para que possa escrever ficção; e isso, como hão de ver, deixa por resolver o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me ao dever de chegar a uma conclusão sobre estas duas questões: as mulheres e a ficção continuam a ser, no que me diz respeito, problemas insolúveis. Com vista, no entanto, a determinadas correções, vou fazer o que puder para vos mostrar como cheguei a esta minha opinião sobre o quarto e o dinheiro. Vou desenvolver na vossa pre-

sença, tão plena e livremente quanto conseguir, a linha de raciocínio que me levou a pensar assim. Talvez uma exposição crua de todas as ideias e preconceitos, que se encontram por detrás desta declaração, vos permita descobrir que estes se refletem sobre as mulheres e um pouco sobre a ficção. Seja como for, sempre que um assunto é altamente controverso — e qualquer questão sobre o sexo o é —, não se pode esperar que se diga a verdade. Apenas se pode demonstrar como se chegou a ter a opinião que se tenciona defender. Apenas se pode conferir à audiência a hipótese de tirar as suas próprias conclusões ao observar as limitações, os preconceitos, as idiossincrasias do orador. É provável que a ficção aqui contenha mais verdade do que factos. Por isso, proponho, fazendo uso de todas as liberdades e concessões de uma romancista, contar-vos a história dos dois dias que precederam a minha vinda aqui — como, curvada pelo peso que me colocaram sobre os ombros, ponderei sobre o assunto e o encaixei no meu dia a dia. Escusado será dizer que o que estou prestes a descrever não existiu; Oxbridge é uma invenção; assim como Fernham; o pronome pessoal *eu* é apenas um termo conveniente para alguém que não possui real existência. Fluirão dos meus lábios mentiras, mas talvez haja nelas alguma verdade; cabe-vos procurá-la e decidir se há nessa mesma verdade alguma parte que

valha a pena reter. Caso contrário, é claro que deitarão tudo para o cesto dos papéis, esquecendo o assunto por completo.

E aqui estou (chamem-me Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael ou qualquer outro nome que vos agrade — não tem grande importância), sentada na margem de um rio, há uma semana ou duas semanas, com um belo tempo outonal, perdida em pensamentos. Sentia a cabeça vergada pelo peso dessa carga de que vos falei, mulheres e ficção, pela necessidade de chegar a alguma conclusão sobre um assunto que levanta todo o tipo de preconceitos e paixões. À minha direita e à minha esquerda floresciam, num tom dourado e carmesim, arbustos de um qualquer género, dando a sensação de calor, de que ardiam como um fogo. Na outra margem, os salgueiros dobravam-se num perpétuo lamento. O rio refletia o que mais lhe agradava do céu e da ponte e da árvore ardente, e depois de o caloiro ter rasgado os reflexos com o barco, estes tornavam a regenerar-se, completamente, como se o passado nunca tivesse existido. O próprio tempo dava a sensação de perdido em si mesmo. O pensamento — para lhe dar um nome mais digno do que merecia — lançara a linha sobre as águas. Oscilava, minuto após minuto, aqui e ali entre os reflexos e as ervas daninhas, deixando a água levantá-lo e afundá-

-lo, até que — todos conhecem o ténue puxão — surgiu a súbita aparição de uma ideia na ponta da linha: e, em seguida, o que me dizem do cauteloso arrastar, do cuidadoso içar da presa? Infelizmente, depois de depositado na relva, este meu pensamento parecia pequeno e insignificante; o tipo de peixe que um bom pescador devolve à água, a fim de lhe permitir que se desenvolva e adquira as qualidades necessárias para que um dia possa ser cozinhado e comido. Não vos incomodarei com esse pensamento agora, se bem que, se buscarem com atenção, o possam descobrir ao longo da minha narrativa.

Mas, por mais insignificante que fosse, tinha, no entanto, uma misteriosa propriedade — devolvido ao espírito, tornou-se ao mesmo tempo excitante e importante; e à medida que descia às profundezas, levantou um tal turbilhão de ideias que me impediu de permanecer sentada. Foi assim que dei por mim a caminhar com extrema rapidez por um caminho relvado. Instantaneamente, uma figura masculina ergueu-se para me intercetar. Não me apercebi, a princípio, de que os gestos daquele objeto de aspeto curioso, vestido de fraque e camisa engomada, se destinavam a mim. Tinha uma expressão de horror e indignação no rosto. O instinto, em vez da razão, veio em meu auxílio: ele era um bedel; eu era uma mulher. Eu encontrava-me na

relva, quando havia um caminho. Apenas os membros catedráticos da faculdade estão autorizados a andar por aqui; o lugar que me cabe é o cascalho. Pensei em tudo isto no espaço de momentos. Quando voltei ao caminho que me era devido, o bedel deixou cair os braços e o seu rosto readquiriu a calma perdida, e embora seja mais agradável andar pela relva do que pelo cascalho, do incidente não veio grande mal ao mundo. A única acusação que eu poderia fazer contra os membros da faculdade e os catedráticos era a de que a proteção dada pela relva, há 300 anos tratada exclusivamente para os servir, me fizera perder o peixinho.

Esquecera-me por completo da ideia que me levara a tomar a tão audaciosa decisão de caminhar por um sítio interdito. O espírito da paz desceu sobre mim como uma nuvem do paraíso, pois, se tal existe, é precisamente ali nos pátios e quadrângulos de Oxbridge, numa bela manhã de outubro. Um passeio por entre aquelas rugosas paredes ancestrais parecia ser o suficiente para eliminar as agruras do presente; o corpo aparentava-se contido num milagroso gabinete de vidro, onde nenhum som penetrava, e o espírito, liberto de qualquer contacto com a realidade (a não ser que se interditasse a proibição de caminhar sobre a relva), tinha a liberdade para se dedicar à meditação que mais lhe aprouvesse no momento. Por mero acaso, o es-

pírito deteve-se num velho ensaio sobre um reviver de Oxbridge numa visita durante as férias grandes, e recordou Charles Lamb — Santo Charles, como lhe chamara Thackeray, pegando numa carta de Lamb. De facto, de entre todos os mortos (exponho-vos os meus pensamentos tal como me ocorrem), Lamb é um dos mais agradáveis; alguém a quem se gostaria de perguntar, «Como escreveu os seus ensaios? Pois acho os seus ensaios superiores até aos de Max Beerbohm», pensei, «em tudo perfeitos, muito por culpa desse violento lampejo de imaginação, do ribombar da genialidade que pode dar a ideia de falha e imperfeição, mas que torna os textos radiantes de poesia.» Lamb veio a Oxbridge há, provavelmente, cem anos. É certo que escreveu um ensaio — cujo título, de momento, não me ocorre — sobre o manuscrito de um dos poemas de Milton que aqui viu. O «Lycidas», talvez, e Lamb escreveu como o chocava pensar na possibilidade de uma única palavra do «Lycidas» poder ser diferente daquilo que é. Parecia-lhe uma espécie de sacrilégio pensar em Milton a alterar as palavras daquele poema. Isso levou-me a recordar o que pude do «Lycidas» e a divertir-me a adivinhar o que Milton poderia ter alterado e porquê. Ocorreu-me então que o próprio manuscrito que Lamb examinara se encontrava a pouca distância, de modo que seria possível seguir-lhe os

passos através do pátio em direção à famosa biblioteca, onde o tesouro se conserva. Além disso, lembrei-me, ao pôr este meu plano em execução, que é nesta famosa biblioteca que se preserva também o manuscrito do *Esmond,* de Thackeray. Os críticos afirmam amiúde que o *Esmond* é o mais perfeito romance de Thackeray. Mas a afetação do estilo, com a sua imitação do século XVIII, é um empecilho, tanto quanto me recordo; a não ser, é claro, que o estilo do século XVIII fosse natural em Thackeray — um facto que se poderia comprovar examinando o manuscrito e verificando se as alterações haviam sido feitas em benefício do estilo ou do sentido. Mas, nesse caso, seria necessário determinar o que é estilo e o que é sentido, um problema que… mas neste momento eu já estava em frente da porta que dá para a biblioteca. Devo tê-la aberto, pois nesse mesmo instante surgiu, como um anjo guardião a barrar-me a entrada, com um agitar de vestes negras em vez de asas brancas, um indivíduo de cabelos grisalhos, com um ar suplicante e amável, que, num tom de voz baixo, enquanto me fazia sinais para que saísse, lamentava ser apenas permitida a entrada às senhoras quando acompanhadas por um membro da faculdade ou munidas de uma carta de apresentação.

Para uma biblioteca famosa, é-lhe certamente indiferente ser amaldiçoada pela invasão de uma mulher.

Venerável e calma, com todos os seus tesouros seguramente encafuados no seu seio, dorme um sono eterno e complacente, pelo menos tanto quanto me diz respeito. Jamais acordarei tais ecos, jamais voltarei a pedir hospitalidade, jurei, enfurecida, enquanto descia os degraus. Restava-me, no entanto, ainda uma hora antes do almoço. E o que fazer, pois? Passear pelos prados? Sentar-me na margem do rio? Estava, é certo, uma bela manhã outonal; as folhas revoluteavam, até pejarem o chão de um tom avermelhado; qualquer uma das duas sugestões era aceitável. Porém, o som de música chegou-me aos ouvidos. Realizava-se algum ofício ou comemoração. Ao passar pela porta da capela, o órgão lamuriava magnificamente. Mesmo a tristeza do cristianismo, naquela atmosfera tranquila, soava mais a uma recordação do que a um sentimento real; os próprios gemidos do antigo órgão pareciam envoltos em paz. Não senti desejo algum de entrar; ainda que tivesse esse direito, talvez fosse detida, desta vez, pelo sacristão, exigindo, quem sabe, a minha certidão de batismo ou uma carta de apresentação do deão. Contudo, o exterior destes magníficos edifícios é muitas vezes tão belo quanto o interior. Além disso, achava bastante divertido observar a atarefada congregação a entrar e a tornar a sair, reunindo-se à porta da capela como abelhas numa colmeia. Muitos usavam

barretes e túnicas; alguns traziam abafos de pele sobre os ombros; outros eram empurrados em cadeiras de rodas; outros, embora não ultrapassassem a meia-idade, aparentavam-se enrugados e reduzidos a uma peculiar semelhança com os caranguejos e as lagostas que se movimentam dificultosamente nas areias de um aquário. Quando me encostei ao muro, a universidade pareceu-me de facto um santuário onde se preservam estes tipos raros, que se tornariam obsoletos se deixados a lutar pela existência nas calçadas do Strand. Velhas histórias de deões e outras personalidades importantes vieram-me à lembrança, mas, antes de reunir coragem suficiente para assobiar — costumava dizer-se que, ao som de um assobio, o velho professor… começava instantaneamente a galopar —, a venerável congregação já havia entrado. Restava o exterior da capela. Como sabem, as altas cúpulas e pináculos podem ser vistos, qual barco à vela que sempre navega sem nunca chegar, iluminados à noite e visíveis ao longe, a uma distância de quilómetros, além das montanhas. Um dia, presumivelmente, este pátio quadrangular pejado de relva macia, os sólidos edifícios e a própria capela não terão passado de um pântano por cuidar, onde as ervas ondulavam e os porcos fuçavam. Juntas de cavalos e bois, pensei eu, devem ter puxado as pedras em carroças desde terras distantes, e depois, num

labor infinito, os blocos cinzentos, a cuja sombra eu agora me detinha, foram sendo sobrepostos, e depois os pintores trouxeram os vidros para as janelas e os pedreiros trabalharam com afinco séculos a fio naquele telhado, com estuque e cimento, pá e colher. Todos os sábados, alguém lhes deve ter despejado ouro e prata de uma bolsa de couro nas velhas mãos, ávidas da compensadora cerveja e de outras diversões. Uma torrente infindável de moedas de ouro e de prata deve ter corrido, para que as pedras continuassem a chegar e os pedreiros a trabalhar; para aplainar, cavar, revolver e drenar. Mas atravessava-se, na altura, uma era de fé, e o dinheiro surgia com facilidade para que se assentassem essas pedras em fundações profundas, e, quando se erguessem as paredes, mais dinheiro correria ainda dos cofres dos reis e rainhas e nobres ilustres, como garantia de que aqui se entoariam hinos e se instruiriam estudantes. Concederam-se terras; pagaram-se dízimos. E quando terminou a era da fé e veio a era da razão, o mesmo jorro de ouro e prata prosseguiu; fundaram-se associações; fizeram-se preleções; só que, agora, o ouro e a prata jorravam não dos cofres do rei, mas das arcas dos comerciantes e dos industriais, das carteiras de homens que haviam feito, digamos, fortuna na indústria e, nos seus testamentos, restituíam uma generosa parcela para assim garantir mais cátedras,

mais preleções, mais associações na universidade onde haviam aprendido o seu ofício. Daí o aparecimento das bibliotecas e laboratórios; dos observatórios; do esplêndido equipamento de instrumentos dispendiosos e delicados, hoje dispostos em vitrinas, onde, há séculos, ondulavam as ervas e fuçavam os porcos. Sem dúvida, enquanto percorria o pátio, os alicerces de ouro e prata pareceram-me solenes o bastante; era firme o pavimento instalado sobre as ervas. As escadas eram percorridas velozmente por homens carregados de bandejas. Vistosas flores desabrochavam em canteiros nos peitoris das janelas. Acordes saídos do gramofone retumbavam do interior das várias divisões. Era impossível não refletir — mas qualquer que tenha sido a reflexão, foi bruscamente interrompida. O relógio soou. Era a hora do almoço.

É curioso o facto de os romancistas terem uma forma peculiar de nos fazer crer que os almoços se tornam invariavelmente memoráveis por qualquer dito mais espirituoso ou qualquer ato mais inteligente que praticou. Raramente, porém, se referem ao que se comeu. Faz parte do consenso dos romancistas não mencionar a sopa, o salmão e o pato, como se a sopa, o salmão e o pato não tivessem importância alguma, como se ninguém jamais tivesse fumado um charuto ou bebido um copo de vinho. Aqui, no entanto, to-

marei a liberdade de desafiar esse consenso e de dizer-lhes que o almoço, nessa ocasião, começou com linguado, num prato fundo, sobre o qual o cozinheiro da universidade espalhara uma cobertura do mais alvo creme, não fossem, aqui e ali, manchas castanhas como as dos flancos de uma corça. Seguiram-se as perdizes, mas enganam-se se a palavra lhes sugere um par de aves implumes, acastanhadas, num prato. As perdizes, numerosas e variadas, vieram acompanhadas de todo um séquito de molhos e saladas, picantes e doces, cada qual na sua ordem de entrada; de batatas finas como moedas, mas não tão duras; de couves-de--bruxelas folhentas como botões de rosa, porém mais suculentas. E mal havíamos terminado o assado e o seu acompanhamento quando o criado silencioso, talvez o próprio bedel, numa manifestação mais branda, pôs diante de nós, enrolado em guardanapos, um doce que se erguia em ondas de açúcar. Chamar-lhe pudim, aparentando-o assim com o arroz e a tapioca, seria um insulto. Enquanto isso, os copos de vinho haviam-se tingido de amarelo e de vermelho; haviam-se esvaziado; haviam-se enchido. E assim, gradativamente, a meio caminho da espinha dorsal, que é a sede da alma, acendeu-se não aquela intensa luzinha elétrica a que chamamos eloquência, que surge de repente e desaparece dos nossos lábios, mas o clarão mais profundo,

subtil e subterrâneo que é a rica chama dourada do diálogo racional. Nada de pressas. Nada de brilhos. Não sejamos nada mais do que nós mesmos. Todos ascendemos ao céu, e Vandyck faz parte do grupo — por outras palavras, como parecia boa a vida, como pareciam doces as suas recompensas, como parecia banal este ressentimento ou aquele queixume, como pareciam admiráveis a amizade e a companhia dos semelhantes, quando, acendendo um bom cigarro, nos afundávamos nas fofas almofadas junto da janela.

Se, por sorte, tivesse havido à mão um cinzeiro, se, por falta dele, não me tivesse visto obrigada a atirar a cinza pela janela, se as coisas se tivessem passado de forma um pouco diferente, é provável que não se tivesse visto um gato sem cauda. A inesperada visão daquele animal mutilado que atravessava delicadamente o quadrângulo alterou, por um acaso feliz da inteligência subconsciente, a luz emocional em mim. Foi como se alguém tivesse corrido uma persiana naquele mesmo instante. Talvez o vinho excelente principiasse a deixar de produzir os seus efeitos. Ao observar o gato manês parado no meio do relvado, como se também ele questionasse o Universo, foi como se faltasse algo, algo parecesse diferente. «Mas o que falta, afinal, o que parece diferente?», perguntei a mim mesma, enquanto ouvia a conversa. E, para responder a

essa pergunta, tive de me imaginar fora daquela sala, de regresso ao passado, a antes da guerra, na verdade, e de relembrar um outro almoço comemorativo realizado em salas não muito distantes desta; mas diferentes. Tudo fora diferente. Enquanto isso, a conversa prosseguia entre os convivas, que eram numerosos e jovens, de ambos os sexos; prosseguia suavemente, prosseguia agradavelmente, livremente, divertidamente. E, enquanto prosseguia, comparei as palavras trocadas naquele momento e outrora, no outro almoço; não tive dúvidas: uma era a descendente, a herdeira legítima da outra. Nada havia mudado; nada era diferente, a não ser a minha forma de escutar, aqui, prestando a máxima atenção não exatamente ao que se dizia, mas ao murmúrio ou corrente por detrás de tudo aquilo. Sim, era isso — ali estava a diferença. Antes da guerra, num almoço comemorativo como este, as pessoas haveriam dito precisamente as mesmas coisas, só que soariam de outra maneira, pois, naqueles dias, acompanhava-as uma espécie de cantarolar, não articulado, mas musical, excitante, que alterava o valor das próprias palavras. Seria possível pôr em palavras aquele cantarolar? Talvez, com a ajuda dos poetas… Havia um livro ao meu lado e, abrindo-o, folheei-o até deparar casualmente com Tennyson. E aqui descobri que Tennyson cantava:

Desprendeu-se uma bela lágrima
Da flor da paixão junto ao portão.
Ela vem aí, a minha pomba, a minha querida;
Ela vem aí, a minha sina, a minha vida;
A rubra rosa grita: «Aproxima-se, aproxima-se»;
E a alva rosa chora: «Ela demora, ela demora»;
A esporeira atenta: «Estou a ouvir, estou a ouvir»;
E o lírio sussurra: «Ela há de vir.»

Era isto que os homens cantarolavam nos almoços comemorativos de antes da guerra? E as mulheres?

O meu coração é uma ave que chilreia
Que se aninha num broto orvalhado;
O meu coração a uma macieira se assemelha
De ramos pelo peso da fruta vergados;
O meu coração é uma concha de tons vários
Que navega docemente num mar plácido;
O meu coração mais que todos estes uma luz quente irradia
Com a chegada do meu amor, a minha alegria.

Seria isto que as mulheres cantarolavam nos almoços comemorativos de antes da guerra?

Era tão ridículo pensar nas pessoas a cantarolar estas coisas, ainda que baixo, nos almoços em que se reuniam antes da guerra, que desatei a rir e tive de explicar

a minha gargalhada apontando para o gato, que parecia, de facto, um tanto ridículo, o pobre animal, sem cauda, ali plantado no meio do relvado. Teria realmente nascido assim, ou perdera a cauda num acidente? O gato sem cauda, embora afirmem que existem alguns na ilha de Man, é mais raro do que se supõe. E um animal esquisito, mais singular do que belo. É curiosa a diferença que uma cauda provoca na aparência — todos sabem o tipo de coisas que se diz quando um almoço termina e as pessoas começam a procurar o casaco e o chapéu e se despedem.

Esse, graças à hospitalidade do anfitrião, havia-se prolongado tarde adentro. O belo dia de outubro findava e as folhas caíam das árvores da avenida enquanto eu a percorria. Portão após portão, pareciam cerrar-se com uma mansa determinação nas minhas costas. Inúmeros bedéis enfiavam chaves sem conta em fechaduras bem lubrificadas; procedia-se à segurança da tesouraria para a noite que se avizinhava. Após a avenida, há uma estrada — esqueço o nome — que leva, caso se vire à direita, a Fernham. Tinha ainda, no entanto, muito tempo. O jantar não seria servido antes das sete e meia. Era quase possível passar sem o jantar depois daquele almoço. É estranho o efeito que um fragmento de poesia causa no pensamento e faz com que as pernas se movam ao seu ritmo pela estrada. Aquelas palavras

Desprendeu-se uma bela lágrima
Da flor da paixão junto ao portão.
Ela vem aí, a minha pomba, a minha querida;

pulsavam nas minhas veias enquanto prosseguia rapidamente rumo a Headingley. E então cantarolei, mudando de compasso, onde as águas se agitam devido ao açude:

O meu coração é uma ave que chilreia
Que se aninha num broto orvalhado;
O meu coração a uma macieira se assemelha…

«Que poetas!», exclamei em voz alta, como se faz ao cair da noite. «Que poetas aqueles!»

Numa espécie de ciúme, suponho, em relação à nossa própria época, por mais tolas e absurdas que sejam essas comparações, comecei a indagar-me se, honestamente, seria possível apontar dois poetas vivos tão grandes hoje quanto foram Tennyson e Christina Rossetti naquela época. «Obviamente», pensei, olhando para aquelas águas efervescentes, «é impossível compará-los.» A verdadeira razão por que essa poesia nos estimula tal desamparo, tal deleite, é que ela celebra algum sentimento que costumávamos ter (nos almoços de antes da guerra, talvez), de modo que reagimos

facilmente, com um tom familiar, sem nos preocuparmos em analisá-lo ou compará-lo com qualquer outro que tenhamos agora. Mas os poetas vivos expressam um sentimento que estruturam e nos arrancam no momento. Para começar, não nos reconhecemos nele; muitas vezes, por alguma razão, tememo-lo; observamo-lo subtilmente e comparamo-lo, enciumados e desconfiados, imbuídos do velho sentimento nosso conhecido. Daí a dificuldade da poesia moderna; e é por causa dessa dificuldade que não conseguimos recordar mais do que dois versos consecutivos de qualquer bom poeta moderno. Por este motivo — o da minha memória me falhar —, o argumento afundou-se por falta de elementos. «Mas por que razão», continuei, prosseguindo rumo a Headingley, «deixámos de cantarolar baixinho nos almoços?» Por que razão deixou Alfred de cantar

Ela vem aí, a minha pomba, a minha querida.

E por que razão terá Christina deixado de responder

O meu coração mais que todos estes uma luz quente irradia
Com a chegada do meu amor, a minha alegria?

Devemos responsabilizar a guerra? Quando as armas dispararam em agosto de 1914, terão os rostos das mulheres e dos homens, e os olhares trocados entre eles, mostrado que o romance morrera? Foi decerto um choque (particularmente para as mulheres, com todas as suas ilusões sobre a educação, e assim por diante) ver o rosto dos nossos líderes à luz do fogo de artilharia. Tão feios eram eles — os alemães, os ingleses, os franceses —, tão estúpidos. Mas onde quer que se ponha a culpa, em quem quer que se a coloque, a ilusão que inspirou Tennyson e Christina Rossetti a cantar tão apaixonadamente a chegada de quem amavam é bem mais rara agora do que naquela altura. Basta ler, olhar, escutar, lembrar. Mas porquê dizer «responsabilizar»? Porquê, se era uma ilusão, não louvar a catástrofe, qualquer que tenha sido, que destruiu a ilusão e devolveu ao devido lugar a verdade? Pois a verdade… estas reticências assinalam o ponto no qual, na minha busca pela verdade, deixei passar a curva do caminho que levava a Fernham. «Sim, de facto, o que era verdade e o que era ilusão?», perguntei a mim mesma. «Qual a verdade sobre estas casas, por exemplo, agora obscuras e festivas com as janelas rubras ao cair da noite, mas toscas, vermelhas e esquálidas, às nove da manhã? E os salgueiros e o rio e os jardins que correm até ao rio, difusos agora, com a neblina a cair

furtivamente sobre eles, mas dourados e vermelhos à luz do Sol — qual a verdade e qual a ilusão a seu respeito?» Poupo-vos aos devaneios e meandros das minhas cogitações, pois não cheguei a conclusão alguma na estrada para Headingley, e peço-vos que imagineis que não demorei a aperceber-me do meu erro quanto à entrada e a retomar o caminho certo para Fernham.

Como já afirmei que estávamos num dia de outubro, não me atrevo a perder o vosso respeito e a pôr em risco o bom nome da ficção, mudando a estação e descrevendo lilases pendendo de muros de jardins, açafrões, túlipas e outras flores da primavera. A ficção deve ater-se aos factos, e quanto mais verdadeiros os factos, melhor a ficção — é o que nos dizem. Portanto, ainda era outono e as folhas ainda estavam amarelecidas e caíam, quando muito, um pouco mais depressa do que antes, pois era agora de noite (sete e vinte e três, para ser precisa) e uma brisa (de sudoeste, para ser exata) começava a soprar. Mas, acima de tudo, notava-se algo de estranho:

O meu coração é uma ave que chilreia
Que se aninha num broto orvalhado;
O meu coração a uma macieira se assemelha
De ramos pelo peso da fruta vergados;